

Uma abordagem enunciativa das articulações predicativas de fenômenos da natureza: predicação autonômica

Luiz Francisco Dias¹

Thalita Nogueira Dias²

Resumo

Este artigo aborda a complexidade sintático-semântica de verbos que expressam fenômenos naturais, como "chover" e "esquentar", focando na inconsistência da categorização desses verbos. Objetiva-se categorizar esses verbos sob a ótica da Semântica da Enunciação e delinear uma concepção consistente de base nominal de predicação, com fundamentos no conceito de formação nominal. Utilizando redes enunciativas e dados de redes sociais, conclui-se que esses verbos apresentam "predicação autonômica," integrando a base nominal ao verbo. Com isso, destaca-se a inconsistência da noção de sentenças impessoais e propõe-se um modelo mais coerente para a análise gramatical de predicções com verbos que expressam fenômenos naturais.

Palavras-chave: Enunciação. Predicação autonômica. Verbos de fenômenos naturais

Data de submissão: agosto. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16137>

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É fundador e coordenador do Núcleo de Estudos da Enunciação (ENUNCIAR) e do GT de Semântica e Estudos Enunciativos da ANPOLL. Possui doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorado pela Universidad de Buenos Aires, Argentina. <https://orcid.org/0000-0003-0819-4797> E-mail: cposlin@gmail.com

² Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2014), mestrado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2017) e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2022). Atualmente é credenciada como docente e orientadora do Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8931765621516749> E-mail: nogueirathalita@outlook.com

Introdução

A constituição do predicado com verbos que expressam “fenômenos da natureza” tem sido um verdadeiro terreno movediço nos estudos gramaticais que abordam as categorias sintáticas tendo em vista os processos de significação. Podemos destacar pelo menos três problemas envolvendo a predicação com aqueles verbos.

Um deles reside na proposição, relativamente comum, de que as sentenças constituídas com aqueles verbos não apresentam a categoria “sujeito”. Isso implica em um grave problema de consistência sintático-semântica: se a predicação é intrinsecamente uma relação com o sujeito, como se conceber os fundamentos da categoria predicado, que é o resultado de uma predicação?

Outro problema está na heterogeneidade das categorias verbais, ora denominados verbos de fenômenos da natureza, ora verbos meteorológicos, ora verbos climáticos. Vejamos: os verbos “sextar” e “amanhecer” apresentam traços destacadamente semelhantes. O segundo é expressivamente um fenômeno da natureza, mas o primeiro (sextar) não se configura como tal, tendo em vista o caráter histórico que determina os dias da semana. No entanto, apresentam as mesmas características sintáticas, pois podem se constituir em sentenças sem nenhum liame adjacente: “Sextou!”, “Amanheceu!”

O terceiro problema está relacionado a uma imprecisão no conceito de “linguagem figurada”. Com efeito, há uma tendência entre os gramáticos de abordarem construções como “eu amanheci cansado” como linguagem figurada. Nessa construção, o verbo ‘amanhecer’ se constitui como núcleo do predicado na relação com o sujeito “eu”. Na perspectiva dos gramáticos, há nesses casos uma espécie de “licença” da língua, de caráter excepcional, para se produzir uma figuração do sujeito na qual não deveria haver nenhuma expressão dessa função sintática, pois o verbo ‘amanhecer’ representaria uma expressão da natureza, independentemente do falante.

Acreditamos que a ausência de um conceito consistente que sustente a categoria “sujeito” seja um dos fatores determinantes para a rarefação de coerência da abordagem que permeia os estudos gramaticais historicamente consolidados. Na tese de Nogueira-Dias (2022), há um amplo levantamento crítico de perspectivas formalistas e funcionalistas voltadas para a explicação das construções com essa ordem de verbos.

Dentre as questões que instigaram o desenvolvimento do trabalho estão, além do problema da consistência do conceito de sujeito, o alcance do conceito de linguagem figurada e a categorização dos verbos concebidos em um grupo vagamente denominado “fenômenos da natureza”.

Sendo assim, o presente artigo apresenta como objetivo central a apresentação de uma proposta de abordagem de alguns dos verbos daquele grupo no âmbito da Semântica

da Enunciação. Especificamente, pretendemos fornecer parâmetros para uma categorização mais racional daqueles verbos. Além disso, buscamos, como objetivo específico, traçar um delineamento de ordem semântico-sintática para uma concepção de sujeito a partir da qual os verbos de fenômenos da natureza podem ser concebidos no mesmo parâmetro de regularidade dos outros verbos da língua portuguesa.

No presente artigo, dentre os verbos abordados na tese de Nogueira Dias (2022), vamos centrar a nossa atenção nos verbos ‘chover’, ‘chuviscar’, ‘ventar’ e ‘esquentar’. A abordagem foi delineada pela Semântica da Enunciação, cujos traços principais serão apresentados antes da análise dos verbos acima. No mesmo espaço, apresentamos também os traços metodológicos da análise.

1 Enunciação e predicação

Na abordagem enunciativa que empreendemos neste estudo, os fundamentos da significação encontram-se na relação entre demandas do presente do enunciar e memoráveis de outros enunciados, seguindo postulados defendidos por Guimarães (2002, 2018).

Nesta abordagem, o enunciado é a unidade da língua que se constitui a partir dessa dinâmica de temporalidades: a formulação estabilizada pelas regularidades materiais da língua decorre da dinâmica de relação entre tempos da memória discursiva e o tempo das demandas para significar o presente. Com isso, projetam-se as condições materiais de interpretação em futuro, após a formulação dos enunciados.

Na perspectiva de Dias (2018), o processo de constituição de sentidos está vinculado à dinâmica enunciativa de produção do enunciado. O sentido é produzido pela relação que o referencial histórico (advindo do memorável) e a pertinência enunciativa (advinda das demandas do presente do enunciar) estabelecem no acontecimento de enunciação.

Dias (2018) explica que faz parte do referencial histórico esse memorável de outros dizeres, constituídos na instância do “já enunciado”, isto é, são parte desse referencial os domínios de ancoragem do enunciado, tendo em vista o funcionamento histórico-social. (Dias, 2018, p. 101-102).

O conceito de referencial histórico tem inspiração na diferença, estabelecida por Foucault (1969), entre referência e referencial. Nessa direção, Dias (2018, p.99) argumenta que [...] aquilo a que o enunciado se refere (referente), o que é “posto em jogo” por ele, não se situa apenas no “que é dito”, mas também naquilo “de que fala”. Essa diferenciação parece se assentar em um fio bastante tênue. No entanto, ela abriga um potencial bem interessante, quando se trata de abordar a relação entre linguagem e exterioridade do ponto de vista da enunciação. [...] pela expressão “de que fala”, Foucault considera os

domínios em relação aos quais palavras ou sintagmas significam, não pelas singularidades do que elas dizem, mas por relações que o enunciado que as absorve estabelece. Essas relações formariam um domínio de referências, ou simplesmente referencial.

Concebido na relação com o referencial histórico, Dias propõe o conceito de pertinência enunciativa. Dessa maneira, os enunciados também significam, conforme Dias (2016, p. 38), pela “pertinência enunciativa contraída em determinado espaço de enunciação”. Assim, o conceito de pertinência não tem relação com “dizer algo adequado a uma determinada situação”, mas sim com a possibilidade de projeção de um espaço de consistência no presente do enunciar. A concepção de consistência do enunciado advém dos estudos de Guimarães (2018). Na sua perspectiva, enunciado é uma “unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa” (Guimarães, 2018, p.15).

Nessa direção, Dias (2016, p.37) denomina de pertinência enunciativa “a relação que um enunciado mantém com os determinantes da enunciação em atualidade, incluindo-se outros enunciados do presente do enunciar”. Então, o conceito de pertinência enunciativa também se assenta na ideia de adesão.

Enquanto seres de linguagem, vale dizer, enquanto seres constitutivamente históricos, nós somos instados a responder, a interpretar, a interferir enunciativamente nas situações que se nos apresentam. É a “demanda do presente” que estamos denominando pertinência enunciativa. As respostas, as interpretações, as interferências que se efetivam na enunciação, isto é, as respostas às demandas do presente são constitutivas do acontecimento enunciativo.

Nesse sentido, o referencial histórico e a pertinência enunciativa concebem o que Dias (2016; 2018) denomina ‘domínios de mobilização’ do acontecimento do dizer.

Desse modo, conforme Dias (2018), no acontecimento enunciativo, formas linguísticas recebem a configuração de formações nominais (FN).

O termo “formação nominal” não é o mesmo utilizado na morfologia, isto é, não é um processo de formação de palavras. Na nossa perspectiva, o termo é mais abrangente. Trata-se do processo de constituição da nominalidade, o qual pode se materializar organicamente em unidades sintagmáticas. Essas unidades podem ser simples (“dedo”), complexas (“as árvores floridas” ou “os aviões que estão no pátio do aeroporto”) ou mesmo adquirir caráter pronominal (“você”). Elas são tradicionalmente abordadas como *sintagmas nominais* ou *grupos nominais*. No entanto, a FN pode não se materializar em unidades orgânicas. Em outros termos, a FN se apresenta como pertinente nas articulações sintáticas, mas ela não se materializa na forma de um sintagma nominal constituído externamente ao predicado.

Em uma das possibilidades de não materialização da FN em unidades

sintagmáticas, temos perspectivas nas quais o verbo carrega nominalidade para si, como ocorre em “vacinar”, “florir”, “transitar”, “churrasquear”, “siliconar”, “chover”, “ventar”, “trovejar”, “relampejar”, e muitos outros³.

Nos três primeiros exemplos, temos verbos consolidados na língua portuguesa. Em “vacinar”, “florir” e “transitar”, os nomes “vacina”, “flor” e “trânsito” encontram-se configurados em diferentes perspectivas, quais sejam, a da aplicação de vacinas, do surgimento de flores e do percurso no trânsito.

Em “churrasquear” e “siliconar”, demonstramos indícios de produtividade desse processo na formação de novas palavras. Com efeito, no primeiro, temos “churrasco” na concepção de seu evento e, no segundo, temos “silicone” na sua concepção de aplicação em cirurgias estéticas, por exemplo.

Por fim, nos quatro últimos verbos, a presença de nominalidade em perspectiva verbal torna-se ainda mais pertinente. Se “chover” é “chuva” na concepção do seu evento, “ventar”, “trovejar” e “relampejar”, da mesma forma, se apresentam como um ponto de vista na concepção de “vento”, “trovão” e “relâmpago” como eventos.

Nesse último grupo de verbos, os quais expressam “fenômenos da natureza”, esses eventos não são motivados por uma base predicativa (sujeito gramatical) externa ao verbo. Por isso, “Eu chovi” ou “Carlos relampejou” são, à primeira vista, construções estranhas à língua portuguesa. Já no âmbito dos dois primeiros grupos de verbos, formulações como “Eu transitei por esta rua”, “o canteiro floriu”, “Carla siliconou recentemente” são consideradas construções correntes na nossa língua.

Sendo assim, estamos propondo no presente artigo uma abordagem voltada para o estatuto enunciativo dos verbos considerados de “fenômenos da natureza” tentando explicar como formações nominais carregadas por “vento”, “trovão” e “relâmpago” podem se instalar no âmbito predicativo de forma a produzir predicções autonômicas, sem necessariamente requerer uma base predicativa externa. Nesses casos, a formação nominal que se instala no verbo é capaz de produzir uma autonomia predicativa de tal ordem a ponto de termos uma sentença apenas com um verbo: “Choveu!”

A dinâmica do significar, do ponto de vista da enunciação, conduz à necessidade de se posicionar e produzir perspectivas no enunciar. As formações nominais adquirem pertinência e adesão no enunciado pelas articulações sintáticas. Na articulação sintática básica, a predicativa, o verbo sai do estado de infinitivo pela necessidade de se produzir posicionamentos, perspectivações e pertinência.

De acordo com Dias (2015, p. 121), a ocupação do lugar sintático de “sujeito” na sentença, pela relação entre a dimensão do enunciável, estabelecido pelos referenciais

³ Em Tribout (2004) e Levin; Rappaport-Hovav (2005) encontramos duas abordagens da conversão nome/verbo que tocam na questão que estamos levantando neste estudo.

históricos, e a dimensão da organicidade das articulações linguísticas, promove a ativação da predicação. Desse modo, a predicação se realiza no deslocamento do verbo do estado de virtualidade, isto é, do estado de “infinitivo”. Esse movimento é promovido pelas formações nominais, sejam aquelas que se materializam em sintagmas constituídos fora do âmbito da predicação, em lugar de sujeito, sejam aquelas que não se materializam e se constituem em amálgamas.

Nos predicados com “fenômenos da natureza”, os verbos agregam um alto grau de nominalidade, a ponto de amalgamar na própria FN que funciona como base de predicação em termos de convergência enunciativa. Dessa forma, o verbo pode abrigar a FN base da predicação. Trata-se do fenômeno da predicação autonômica, como já referimos.

Nesse tipo de predicação, os predicados com verbos considerados de fenômenos naturais gozam de autonomia para condensar a base predicativa, e, portanto, realizar uma predicação de caráter autônomo (“ensolarou”), sem a explicitação da base (‘sol’), e ainda permitem a nucleação de uma base autônoma fora do predicado (“o dia ensolarou”).

A diferenciação entre a dimensão do enunciável e a dimensão da organicidade tem sido desenvolvida por Dias desde 2001. No âmbito dessa diferença, defende-se que “o fato linguístico tem uma realidade material, orgânica, e ao mesmo tempo uma realidade enunciativa, da ordem do simbólico” (Dias, 2001, p. 197).

Nessa direção, Dias; Pereira (2007) explicaram a concomitância morfológica em casos como “tristemunho” e “apertamento”⁴, em que as palavras ‘testemunho’ e ‘triste’ se fundem organicamente em uma unidade lexical, mantendo-se as duas formações nominais no plano do enunciável. Da mesma maneira, temos ‘apartamento’ e ‘apertado’ em “apertamento”.

No nível da sintaxe, temos, em “Pedro martelou a mesa”, a concomitância de “bater na mesa” e “com o martelo”. Na dimensão da organicidade, “martelou” materializa o núcleo verbal (“bateu”) e ao mesmo tempo o adjunto adverbial de modo (“com o martelo”), que se configuram no enunciado da sentença como extratos do plano do enunciável.

2 Procedimentos metodológicos

O estudo desenvolve uma análise enunciativa com fundamentos metodológicos na descrição focada de abordagem qualitativa.

Para isso, trabalhamos com o procedimento denominado ‘rede enunciativa’. Por meio dele, analisamos o fenômeno linguístico da predicação autonômica a partir de uma semântica da enunciação. Nosso método de análise está associado à teoria fundamentada, formulada inicialmente por Glaser e Strauss na obra *The Discovery of Grounded Theory*,

⁴ Gonçalves (2003) abordou esses fenômenos na condição de *blends* lexicais.

em 1967. Nessa direção, abordamos os principais aspectos sobre como a teoria fundamentada trabalha com a análise de dados, a partir de Fragoso et. al (2011).

Conforme Fragoso et.al (2011, p. 83), a teoria fundamentada é construída por meio de uma “sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades”. Nesse sentido, ela se constitui como uma metodologia qualitativa aplicável a diversas áreas do conhecimento, a partir do campo empírico. Nessa direção, recomenda-se a coleta sistemática de dados, bem como a “constante comparação e análise desses dados (processo denominado codificação), que construirão, a partir dessa análise sistemática, memos teóricos que vão, ao final do processo, construir a teoria”. (Fragoso et.al, 2011, p. 85).

Assim formulados, os procedimentos da TF estão em consonância com a construção de redes enunciativas.

Na perspectiva de Dias (2023), redes enunciativas são artefatos metodológicos de evidenciação do espaço integrativo do enunciado no sentido de captar as articulações das formações nominais, seja no âmbito interno a uma unidade nominal, seja na dimensão mais ampla de um enunciado sentencial. Nessa direção, uma rede enunciativa agrupa construções linguísticas verbais ou verbo-visuais no sentido de evidenciar articulações. A rede enunciativa é uma demonstração de relações linguísticas que guardam uma força argumentativa⁵ a favor da tese da constituição articulatória da unidade enunciativa, motivada pelo acontecimento histórico da enunciação (Dias, 2023, p. 163)

Para isso, a rede é construída em torno de um ponto de observação comum entre as construções integrantes da rede. Se internamente a uma rede o ponto de observação está na semelhança, por outro lado, uma rede contrai uma relação de diferença com outras redes no mesmo campo argumentativo.

Nessa perspectiva, a nossa abordagem não exige um corpus previamente definido de circunscrição dos dados de análise. A entrada dos dados na nossa análise passa pelo filtro da configuração da rede enunciativa. Assim, a exigência da sistematização dos dados de análise não está no terreno da origem das construções linguísticas, mas nos parâmetros da formação da rede enunciativa (Dias, 2003, p. 163).

No presente estudo, nossos dados são coletados no antigo Twitter⁶. Fizemos buscas por ocorrências de predicções com suporte orgânico nos verbos ‘chover’, ‘chuviscar’, ‘ventar’, ‘esquentar’ e ‘estiar’. Observamos especificamente as seguintes coordenadas de conformação gramatical (desinências verbais): tempo (presente/passado/futuro), número (1º, 2º e 3º pessoa do singular/plural), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo) e as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio). Os verbos analisados estão entre aquele

⁵ Beavers & Sells (2013, p. 397) destacam o fato de que ocorrências de uso, reais ou construídas pelo pesquisador, entram numa análise linguística como argumentos para solidificar arcabouços explicativos teóricos.

⁶ Atualmente denominada “X”.

frequentemente citados como “verbos de fenômeno da natureza” nas principais gramáticas da língua portuguesa.

Escolhemos trabalhar com o Twitter pelo fato de essa rede social apresentar ocorrências da língua em uso entre os falantes. Os enunciados dessa rede são captados em uma dimensão social marcadamente contemporânea. Os dados foram selecionados manualmente na caixa de buscas do aplicativo. Acreditamos que a dinamicidade do uso da língua entre os falantes nessa rede social justifica a escolha do Twitter como fonte de pesquisa. Diversos pesquisadores, como Fragozo et.al (2011), têm utilizado o Twitter como ferramenta de pesquisa e/ou base de dados.

Os cinco verbos analisados neste artigo se distribuem em duas categorias, de acordo com os referenciais históricos que presidem a sua condição enunciativa como verbos de predicação autonômica: *referencial da afluência* (verbos chover e choviscar) e *referencial da ocorrência* (verbos ventar, esquentar e estiar)⁷.

A *afluência* é apreendida por um ponto de vista sócio-histórico de recepção e chegada. O lado mais visível dessa perspectivação de afluência é captado pela “chuva”. Ela aparece (flui) de cima para baixo entre nós e não é acionada ou controlada por um ser⁸. Nós apenas recebemos e percebemos a manifestação do seu processo de constituição na atmosfera. Sabemos que o processo que envolve a chuva é complexo, mas a afluência é concebida pela perspectiva do modo como esse processo historicamente nos afeta. A significação que se produz nas articulações predicativas, envolvendo formações nominais e verbos, é relativa a essa concepção social de afluência.

Portanto, o referencial histórico que advém da FN de base predicativa na produção da predicação é o da recepção de elementos em afluência. Aquilo que se encontra em direcionamento afluente envolve diferentes elementos em escala quantitativa. Esses elementos são entidades apreendidas sob a formação nominal “chuva”, como gotas de água, ou ainda como “chuva de dinheiro”, “chuva de pedras”, “chuva de mentiras” entre outras.

Por sua vez, as *ocorrências* percebidas no ambiente envolvem alterações na relação som/silêncio, clarão/normalidade⁹, mobilidade/imobilidade, turbidez/limpidez, quentura/frieza, claridade/normalidade¹⁰, umidade/secura.

As ocorrências são percepções sociais de algo que ocorre na natureza sem o comando do homem. Trata-se de relações sociais com o sensível, que envolvem o ambiente comum de vivência nos acontecimentos enunciativos.

⁷ Na tese que ampara o presente artigo, trabalhamos também com o *referencial da periodização*, determinando a predicação autonômica de verbos como amanhecer, anoitecer, sextar.

⁸ Quando temos esse acionamento e controle da chuva a partir de mecanismos tecnológicos, utilizamos a expressão “chuva artificial”.

⁹ Entendemos por ‘normalidade’ a percepção de um ambiente não afetado por clarão de relâmpago.

¹⁰ Entendemos por ‘normalidade’ a percepção de um ambiente não afetado por claridade do sol.

3 Predicação autonômica: aflúências

Conforme apresentamos nos fundamentos teóricos deste estudo, a nossa abordagem se assenta na seguinte concepção: o modo como o referencial histórico adquire pertinência enunciativa no presente do enunciar constitui o acontecimento da enunciação. Essa pertinência enunciativa será observada pelas coordenadas de conformação gramatical e pela constituição do cenário de pertinência.

A seguir, temos a primeira rede enunciativa, centrada na predicação que tem como núcleo material o verbo ‘chover’:

Quadro 1

REDE ENUNCIATIVA 1: CHOVER	
a)	previsão do tempo disse que amanhã choverá o dia todo... assim espero ¹¹
b)	tempo louco, ontem choveu , ficou fresquinho, hoje ta ótimo, e no fim de semana marcando 40° como q guenta ¹²
c)	quando chove deveria ser feriado ¹³
d)	Já fechamos pareceria até com São Pedro. Sábado não chove!!! Baile do Dantas no Mandela einnn ¹⁴
e)	Eu de branco HOJE CHOVE ¹⁵

Fonte: autoria própria

Vimos que, na predicação autonômica, a formação nominal de base predicativa, equivalente ao sujeito gramatical, pode estar incorporada ao verbo. Essa concepção tem como fundamento os trabalhos desenvolvidos a partir de Dias (2018), nos quais o autor passa a considerar que a formação nominal (FN) pode não se materializar em unidade nominal na dimensão orgânica, quando é apreendida em enunciado. Por isso, o termo ‘formação’, em vez de ‘sintagma’.

Nos cinco enunciados da Rede Enunciativa 1, temos essa ausência de materialização da base de predicação, pois a FN ‘chuva’ está em convergência enunciativa no verbo ‘chover’.

Nessas ocorrências de predicação autonômica, o verbo recebe o referencial histórico da aflúência advindo da base predicativa ‘chuva’.

Do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, nos enunciados dessa rede, temos ‘choverá’, ‘choveu’ e ‘chove’ com tempos verbais diferentes projetados pela locução do presente do enunciar. Dessa maneira, temos a locução do presente como

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/fehlizz/status/1029919914507882496>> acesso: 06/09/2021.

¹² Disponível em: <<https://twitter.com/besticould/status/1438118895790010372>> acesso: 06/09/2021.

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/milena_machado/status/1509103554497232901> acesso: 06/09/2021.

¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/Meninodubem/status/1358869255375237122>> acesso: 06/09/2021.

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/charizards_bomb/status/1434213434707566599> acesso: 06/09/2021.

centralizadora da temporalização: ‘choveu’ como um antes, ‘choverá’ como um depois do momento da locução. Essa é a dinâmica que provoca a conformação gramatical da predicação no enunciado. Assim, os morfemas (formas presas), como também os advérbios de tempo e de lugar (formas livres), cumprem o papel de materializar essa conformação gramatical.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, afirmamos que os enunciados da rede enunciativa (1) correspondem, respectivamente, à (a) “choverá [chuva]”, (b) “choveu [chuva]”, (c), (d) e (e) “chove [chuva]”, nos quais a FN ‘chuva’, em confluência, adquire, na predicação, pertinência de gotas de água recebidas ou chegadas segundo as circunstâncias do presente do dizer.

Essa pertinência enunciativa de gotas de água adquire relação com outras predicações do enunciado que compõem o cenário de pertinência. No âmbito das condições atmosféricas, temos em (a) ‘previsão do tempo’ e em (b), ‘ficou fresquinho’. Já em (c), o ‘feriado’ passa a ser concebido como uma maneira de não sair de casa em caso de chuva; em (d), a realização do ‘baile’ aparece como um evento a ser favorecido pela ausência de chuva; e em (e) ‘eu de branco’, o uso do branco, provavelmente como vestimenta, parece funcionar como um motivador para a chuva. Essas relações de sentido possibilitam a ressignificação do cenário de pertinência enunciativa da chuva como gotas de água.

Observemos agora a Rede Enunciativa a seguir, com especificidades na convergência, ainda na análise do verbo ‘chover’.

Quadro 2

REDE ENUNCIATIVA 2: CHOVER {especif}
(a) Choveu grosso durante a noite e alagou a cidade toda. Aulas suspensas hoje ¹⁶
(b) Trânsito no Colorado segue tranquilo. Chove fino na região e a pista está bem molhada. ¹⁷
(c) Choveu preto em SP meu Deus ¹⁸
(d) Segundo a previsão do tempo, divulgada no Jornal Nacional, amanhã choverá forte no Espírito Santo ¹⁹ .
(e) Ufa, Butantã choveu rápido e abriu sol. Vamos ver na Paulista ²⁰
(f) Aqui chove sem parar mas uma chuva fina Deus nos acuda e nos proteja ²¹

Fonte: autoria própria

Os enunciados de (a) a (c), nessa Rede, apresentam qualificações voltadas para uma

¹⁶Disponível em: < <https://twitter.com/jiyushori/status/1060547755775610881> > acesso: 09/09/21.

¹⁷Disponível em: < <https://twitter.com/correio/status/157752342027051008> > acesso: 09/09/21.

¹⁸Disponível em: < <https://twitter.com/ohbrunana/status/1163965103877885953> > acesso: 09/09/21.

¹⁹Disponível em: < <https://twitter.com/DNatyprinces/status/415252022435123200> > acesso: 09/09/21.

²⁰Disponível em: < <https://twitter.com/tecamelotov/status/1398710745274142721> > acesso: 09/09/21.

²¹Disponível em: < <https://twitter.com/castrodedeia1/status/1220629772478418945> > acesso: 09/09/21.

virtual nucleação da base predicativa ‘chuva’. No entanto, essa nucleação não se materializa, fazendo com que ‘chuva’ fique apenas no plano virtual, como sustentação dos adjetivos ‘grosso’ (a), ‘fino’ (b) e ‘preto’ (c). No enunciado (f), por sua vez, temos a materialização da FN em nucleação fora do predicado, da mesma forma que ocorre na Rede 3, mas aqui essa FN recebe o convergente adjetivo materializado em ‘fina’.

Dessa maneira, a predicação dos enunciados (a), (b), e (c) pode corresponder respectivamente a “choveu uma chuva grossa”, “choveu uma chuva fina” e “choveu uma chuva preta”. Nessas ocorrências, é possível notar que as especificações da base predicativa estão vinculadas a aspectos que a entidade precipitada pode assumir: quanto à espessura, ‘grossa’ ou ‘fina’, e à coloração, ‘preta’, significando, assim, como particularidade da base de predicação no cenário de pertinência enunciativa.

Por outro lado, em predicações como (d) “choverá forte” e (e) “choveu rápido”, as especificações ‘forte’ e ‘rápido’ parecem não manter relação com aspectos constitutivos da entidade precipitada (gotas de água). Nessas ocorrências, as especificações não qualificam a base predicativa ‘chuva’, mas sim a maneira de percepção da precipitação das gotas de água. Em outros termos, essas especificações incidem sobre o modo como se percebe a chegada (afluência) da “chuva”. Trata-se de um aspecto relativo à constituição do cenário de pertinência, em que ‘rápido’ e ‘forte’ reforçam a pertinência de gotas de água frente ao referencial da afluência.

Por sua vez, na predicação do enunciado (f) “chove uma chuva fina”, a base de predicação FN “chuva” está expressa na estrutura do enunciado, em definitude de núcleo próprio. Ocorrências como essa se constituem como um padrão pelo qual é possível comprovar que a base de predicação pode estar incorporada ao verbo, apresentando uma confluência enunciativa, e ao mesmo tempo expressa na sentença com núcleo orgânico.

Nossa perspectiva está em consonância com a visão de Ruwet (1986) acerca dos “predicados meteorológicos”. Esse autor considera que, na predicação de fenômenos meteorológicos, o sujeito está incorporado ao verbo. A possibilidade de qualificar a base de predicação é um argumento importante na nossa abordagem, no sentido de fortalecer essa tese, que no nosso ponto de vista teórico tratamos como predicação autonômica.

Na Rede 3, apresentada a seguir, a força da nucleação em base de definitude orgânica própria mostra-se mais evidente:

REDE ENUNCIATIVA 3: CHOVER {x}

- | |
|--|
| (a) Choveu pedras de gelo em cima do meu carro agora ele está todo amassado. BOM DIAA . ²² |
| (b) amanhã choverá granizo em belo horizonte ²³ |
| (c) Choveu neve hoje, ta muito frio meu Deus ²⁴ |
| (d) chove trovões em vitória. e vez ou outra, uma gota d'água ²⁵ . |
| (e) E chove mentiras no twitter! ²⁶ |

Fonte: autoria própria

Nos enunciados dessa Rede, a base predicativa FN “chuva”, como nas redes apresentadas anteriormente, está em convergência enunciativa no verbo ‘chover’, por meio das formas verbais de passado, presente e futuro, conforme as coordenadas de conformação gramatical. Considerando o referencial histórico da afluência, temos uma concepção social de precipitação de elementos materiais ou imateriais. Tendo em vista a ordenação da regularidade sistemática da língua portuguesa, uma segunda FN (diferente daquela que está em convergência enunciativa) se instala como nucleação orgânica no espaço exterior ao predicado. Nela, os elementos em afluência que constituem o cenário de pertinência são (a) pedras de gelo, (b) granizo (c) neve, (d) trovões, e (e) mentiras.

Em suma, o cenário de pertinência enunciativa da predicação em (a) “choveu pedras de gelo²⁷”, (b) “choverá granizo” e (c) “choveu neve” pode ser descrito, primeiramente, pela constatação de que a FN ‘chuva’ está incorporada ao verbo em convergência. No entanto, é parte desse cenário de pertinência as especificações ‘pedras de gelo’, ‘granizo’ e ‘neve’, as quais incidem sobre a base de predicação ‘chuva’, equivalendo a ‘chuva de pedras de gelo’, ‘chuva de granizo’ e ‘chuva de neve’, isto é, a “gotas de água em estado sólido” ou “gotas de água cristalizadas”. Essas especificações associam-se à pertinência enunciativa de precipitação de gotas de água, cuja movimentação ocorre de cima para baixo.

Na sequência, a predicação autonômica do enunciado (d) “chove trovões em vitória. e vez ou outra, uma gota d'água” apresenta duas especificações: (1) ‘trovões’ e ‘uma gota d'água’, equivalendo à ‘chuva de trovões e de uma gota d'água’. Nessa direção, as especificações associadas à base predicativa mantêm o referencial histórico de afluência, fazendo com que “chove uma gota” seja pertinente como precipitação, considerando que “chove uma gota” equivale ao mesmo que “chove uma baixa quantidade de chuva” ou mais especificamente como “chove 0,05 milímetros”. Isto é, “uma gota de água” não significa

²²Disponível em: < <https://twitter.com/mariana/status/1188053697227579400> > acesso: 10/08/21.

²³ Disponível em: < <https://twitter.com/rxquelgreco/status/1387243266907779074> > acesso: 06/08/21.

²⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/niicolyg/status/587460206814081026> > acesso: 08/08/21.

²⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/rafacst/status/10275316611> > acesso: 10/08/21.

²⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/rndlgs/status/11436153858> >. Acesso: 14/08/21.

²⁷ Pelas normas gramaticais prescritivas, o enunciado deveria ser “Choveram pedras de gelo”.

nessa predicação como uma medida exata da quantidade de elementos precipitados.

Por outro lado, considerando o referencial histórico da afluência, em “chove trovões”, a constituição do núcleo orgânico está em função do cenário de pertinência de um direcionamento em quantidade, tal qual chuva, mas identificado como contraparte audível de uma descarga elétrica.

Por fim, na predicação “chove mentiras no twitter” do enunciado (e), a base de predicação “chuva” recebe a especificação “mentiras” (segunda base de predicação), a qual produz pertinência enunciativa como disseminação, propagação ou ainda difusão de certa quantidade de afirmações, consideradas como não verdadeiras.

Algo diferente ocorre com os enunciados da Rede Enunciativa 4, a seguir:

Quadro 4

REDE ENUNCIATIVA 4: [x] CHOVE
(a) São Pedro choveu a semana toda já pode parar de chover porque quero curtir meu fds --'28
(b) ei são pedro chove aí pra nós só pra testar uma coisa rapidão ²⁹
(c) Alo Deus, chove amanhã não, tenho q ir em todas consultas, em guara, no centro, tudo de moto ³⁰
(d) Eeu to muito feliz, papai do céu choveu bençãos em minha vida essa semana! ³¹
(e) Aqui no rio o céu chove de pipa hahaha ³²

Fonte: autoria própria

Nesses enunciados, podemos observar a presença de duas bases de predicação. A primeira está em confluência no verbo ‘chover’, sendo a responsável pela saída do verbo do infinitivo, e, desse modo, pela predicação autonômica. Temos ainda uma segunda base de predicação, as formações nominais ‘São Pedro’, ‘Deus’ e ‘papai do céu’ e ‘céu’. A proeminência dessa base de predicação está vinculada à força da regularidade sistemática da língua portuguesa, que se mostra no modelo canônico SUJEITO-VERBO-OBJETO.

Desse modo, ela consegue se sobrepor à base em convergência enunciativa, compondo o cenário de pertinência enunciativa e funcionando como se fosse também a base motivadora da predicação autonômica. Esse movimento de sobreposição dessas formações nominais advém da necessidade de se expandir o cenário de pertinência enunciativa, necessidade essa ligada ao presente da enunciação, isto é, daquilo que o presente da enunciação predica. Notamos ainda que o lugar de objeto só ganha dimensão orgânica nos enunciados (d) e (e) com definitude em núcleo por meio das formações

²⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/caarolluz/status/360917787381739520> > Acesso: 11/01/22.

²⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/junimlagos/status/1380338267988590592> > Acesso: 11/01/22.

³⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/owataya/status/1480370697956438017> > Acesso: 11/01/22.

³¹ Disponível em: < https://twitter.com/Max_Junior_07/status/1443054434548916234 > Acesso: 11/01/22.

³² Disponível em: < https://twitter.com/Bancoli_95/status/614119035400286208 > Acesso: 11/01/22.

nominais em “benções” e “pipa”.

Nessa direção, compreendemos que a força da sistematicidade da língua também está presente no modelo canônico da predicação em ocorrências em que há mais de uma base de predicação. Isto é, uma base em convergência enunciativa e uma base com definitude em núcleo orgânico: choveu uma chuva fina, choveu granizo, choveu flores, choveu mentiras, São Pedro choveu.

Em diversas abordagens voltadas para os verbos de fenômenos da natureza, principalmente nas gramáticas de linha tradicional, deixa-se a entender que a natureza figurativa do verbo altera o seu estatuto lexical. É como se, em “papai do céu choveu benções”, por exemplo, tivéssemos outro verbo, o qual aceitaria as funções de sujeito e predicado. No entanto, trabalhamos com a concepção de que, em todas as ocorrências nas redes apresentadas, o verbo é o mesmo.

A sustentação lexical do verbo ‘chover’ está no domínio de mobilização de um referencial histórico (afluência) que se articula com pertinências enunciativas as quais circunscrevem esse referencial no cenário de predicação.

Em todas as redes enunciativas até aqui apresentadas, o referencial constituído pela perspectiva social de afluência de elementos em quantidade significativa instala-se no verbo por meio da base de predicação ‘chuva’. Na penúltima ocorrência da Rede 4 (“papai do céu choveu benções”), essa perspectiva se instala da mesma maneira que nas outras ocorrências das redes apresentadas. A força da sistematicidade do português na estrutura SUJEITO-VERBO-OBJETO, como já dito, favorece uma distribuição de componentes no cenário de pertinências, os quais podem funcionar como um “motivador” em forma de FN de nucleação externa (‘papai do céu’) e um objeto (‘benções’).

Nesse caso, a FN de nucleação externa (orgânica), do ponto de vista das coordenadas de conformação gramatical, tendo em vista que não é uma especificidade da base ‘chuva’, se sobrepõe pela força da sistematicidade SUJEITO-VERBO-OBJETO à confluência no que se refere à determinação predicativa. Ele se associa à FN ‘chuva’ na retirada do verbo do infinitivo para constituir a predicação.

O referencial da afluência, possibilitando o cenário de pertinência de quantidade significativa, está presente em ‘chuva’, no âmbito do verbo ‘chover’, e favorece a entrada de “benções”, concebida também como quantidade significativa, na configuração de um cenário de pertinências na sistematicidade regular do português.

A condição de predicação autonômica não é afetada pelo leque de possibilidades de configuração de predicações que apresentamos nas redes de 1 a 4. Ela tem relação com a convergência enunciativa de uma FN no verbo, proporcionando uma base de predicação verbal forte (‘choveu’ [chuva]), no sentido de prescindir de uma nucleação orgânica fora da predicação, ou de uma base verbal de fundo, no sentido de aceitar a sobreposição de uma

base de predicação saliente, fora da predicação, em nucleação própria (“pai do céu choveu bênçãos”).

Além do verbo ‘chover’, consideramos que a predicação autonômica pode se constituir com verbos como ‘chuviscar’, ‘neblinar’, ‘garoar’, ‘gear’ e ‘nevar’, tendo em vista que esses verbos também são afetados pelo referencial histórico da afluência. Neste texto, apresentaremos apenas a análise de ‘chuviscar’.

Vejamos a seguir a análise da predicação autonômica com o verbo ‘chuviscar’.

Quadro 5

REDE ENUNCIATIVA 5: CHUVISCAR	
(a)	Aqui na Tijuca só chuviscou ³³
(b)	essa chuva que vem chuvisca 3 minutos e já vai embora slk lamentável viu ³⁴
(c)	O céu tá chuviscando com uma vazão de 1 nanometro^3 por hora, mas as pessoas sentem a necessidade de fechar todas as janelas e transformar o ônibus numa estufa mesmo assim ³⁵
(d)	@vampireska. Aqui o tempo ta chuviscando , vamos ver mais tarde né ³⁶
(e)	Aqui a imagem tá chuviscando um pouco ³⁷
(f)	Assistindo no PC porque a TV ta chuviscando ³⁸
(g)	@TopTVIbope É péssima!! O povo esta indignado. O Som é terrível, e pega muito, muito, muito mal. O Sinal chuvisca mesmo com antenas boas. :(³⁹
(h)	Minha TV ta sem antena kkkkk a globo ta chuviscando , mas vai assim mesmo já que moio os links ⁴⁰

Fonte: autoria própria

A perspectiva que caracteriza o referencial histórico-social na confluência da FN no verbo dessa Rede também é marcada pela afluência. No entanto, há uma mudança em relação aos cenários de pertinência constituídos nas predicações com ‘chover’. A perspectiva social de afluência de unidades se mantém, embora haja uma diferença quanto à quantidade e forma dessas unidades.

No caso de ‘chuviscar’, essa diferença fica marcada. A percepção de unidades configuradas como partículas de densidade e quantidade reduzidas produz as condições para a predicação com ‘chuviscar’.

Em (a), “Aqui na Tijuca só chuviscou”, temos a confluência de ‘chuvisco’ no verbo ‘chuviscar’, que, passando pelas coordenadas de conformação gramatical, resulta na forma

³³ Disponível em: <<https://twitter.com/camargoantonie1/status/1479171441958477825>> acesso: 11/01/22.

³⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/MTSKICOMUNISTA/status/1449566689725665281>> acesso: 10/08/21.

³⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jairo_moutinho/status/1196348621664538625> acesso: 11/01/22.

³⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/deivismendes/status/10795168227>> acesso: 11/01/22.

³⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/YgorFremo/status/1471825504634388482>> acesso: 11/01/22.

³⁸ Disponível em: <<https://twitter.com/jhefersonjc/status/323598271631200257>> acesso: 11/01/22.

³⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/filipiferreira/status/18717070778715648>> acesso: 11/01/22.

⁴⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/karinamarigold/status/711638833473970176>> acesso: 11/01/22.

verbal do passado ‘chuviscou’. No cenário de pertinência enunciativa, gotas de água em forma reduzida em movimento de precipitação formam o quadro de atualidade desse enunciado.

Em (b), (c) e (d), temos já a constituição de uma base de predicação externa que concorre com a base ‘chuvisco’. Essa base de nucleação externa é formada por ‘chuva’, ‘céu’ e ‘tempo’, respectivamente. Nesses três enunciados, essas bases ainda se encontram associadas semanticamente a ‘chuvisco’, pois são percebidas no cenário de pertinência enunciativa da meteorologia como “amparadoras” de precipitação.

Já em (e), (f), (g) e (h), temos a constituição das bases de predicação com as formações nominais ‘imagem’, ‘TV’, ‘sinal’ e ‘Globo’, todas elas constituindo um cenário de pertinência com ‘chuvisco’ fora da área meteorológica. Assim, a nucleação da base predicativa fora do âmbito da predicação se distancia semanticamente da FN ‘chuvisco’, em convergência enunciativa.

No entanto, essa base predicativa em convergência enunciativa continua a integrar a significação do predicado. Nesses enunciados, o cenário de pertinência envolve a existência de pequenos pontos que parecem se mover na tela dos aparelhos de TV analógicos. Isso é compreendido na relação com chuvisco, que pode ser percebido como gotículas de água que igualmente se movem no espaço atmosférico.

Vejamos a seguir o grupo de verbos afetados pelo referencial da ocorrência.

4 Predicação autonômica: ocorrências

Vejamos a Rede Enunciativa 6, em que o verbo recebe o referencial de ocorrência da FN ‘vento’.

Quadro 6

REDE ENUNCIATIVA 6: VENTAR
(a) Ventou eu já fico gripada e sem voz ⁴¹
(b) tá ventando , ventos bons! ⁴²
(c) Menos calor esta noite. Ventou um vento bem fresquinho , foi ótimo! ⁴³
(d) ah que isso ventou um vento de 92 graus celsius na minha cara ⁴⁴
(e) fui p academia sem casaco msm fazendo frio sai de lá com o corpo quente e ventou 12 graus na minha cara ⁴⁵

Fonte: autoria própria

⁴¹ Disponível em: < <https://twitter.com/Kamilla26413614/status/1452391864758378498> > acesso: 10/10/21.

⁴² Disponível em: < <https://twitter.com/brunoxav1er/status/1451222771548229637> > acesso: 10/10/21.

⁴³ Disponível em: < <https://twitter.com/JuMalheiros/status/5557578635> > acesso: 10/10/21.

⁴⁴ Disponível em: < <https://twitter.com/elisazanatta/status/1437757593758355460> > acesso: 10/10/21.

⁴⁵ Disponível em: < <https://twitter.com/Mytti14/status/1450962136067461120> > acesso: 10/10/21.

Os dois primeiros enunciados da rede apresentam uma predicação em que a FN ‘vento’ está em convergência enunciativa no verbo, sendo que, em (a), a forma verbal é simples, e em (b), ela está em forma de locução.

Nos enunciados seguintes, há a constituição de formações nominais nucleadas em espaço sintático fora do predicado, e em todas elas, temos especificações da FN ‘vento’: ‘um vento bem fresquinho’, em (c); ‘um vento de 92 graus celsius’, em (d) e ‘12 graus’, em (e).

Do ponto de vista do cenário de pertinência, a predicação explora a relação entre o móvel e o imóvel, projetada pelo referencial de ocorrências.

Veremos agora alguns traços da participação dessas formações nominais suplementares no cenário de pertinência enunciativa.

Em (c), “ventou um vento bem fresquinho”, a constituição da FN em nucleação ‘vento’ aparece como base para a recepção do qualificador ‘bem fresquinho’ que incide sobre ‘vento’. Dessa maneira, a regularidade da língua portuguesa permite que uma FN seja nucleada fora do espaço predicado para receber qualificação, mesmo que essa FN externa seja uma manifestação similar à FN interna, que também é ‘vento’.

O mesmo pode ser concebido em (d), no enunciado “ventou um vento de 92 graus celsius na minha cara”. A constituição de uma especificação ‘de 92 graus celsius’ no cenário de pertinência enunciativo leva à duplicação da FN ‘vento’, produzindo uma FN em núcleo para receber essa especificação.

Já em (e), tendo em vista a relação mobilidade/imobilidade, a percepção da mobilidade do vento é também atualizada e explorada no cenário de pertinência enunciativa. A ocorrência de vento, em sua mobilidade, aparece no cenário como portadora de frio. A FN constituída fora do espaço do predicado, ‘12 graus’, marca essa medição em graus, indicativa do frio.

Enfim, é dessa maneira que essas bases de predicação suplementares recebem determinativos de consistência do enunciado.

Observemos a seguir a Rede Enunciativa 7, centrada no verbo ‘esquentar’.

REDE ENUNCIATIVA 7: ESQUENTAR	
(a)	Esquentou , né gente?! 🌡️🌡️🌡️🌡️ ⁴⁶
(b)	Tá esquentando!! ⁴⁷ .
(c)	O tempo está esquentando então vamos~passear ⁴⁸ .
(d)	vocês estão sentindo a temperatura esquentar ? eu tô sentindo o tempo fresquinho ir embora ⁴⁹ .
(e)	Quanto sua cidade esquentou? ⁵⁰ .

Fonte: autoria própria

As predicções com esse verbo apresentam um desafio a mais. Elas adquirem as características da predição autonômica, da forma como estamos desenvolvendo nesta tese, porém, não há clareza quanto aos limites dessa classificação.

Acreditamos que é legítimo postular que temos a FN ‘quentura’ em confluência no verbo ‘esquentar’. Usamos pouco o substantivo ‘quentura’, mas ele é registrado na nossa língua desde o século XIII, como consta no *Dicionário Houaiss*. Na língua portuguesa, temos também os adjetivos ‘frio’ e ‘quente’. No entanto, preferimos ser cautelosos e não inserir na rede enunciados como “Eu esquentei a água”, no sentido de fornecer uma propriedade ao líquido.

Dessa maneira, quando tomamos o enunciado (a) da Rede 7 (“Esquentou, né gente?”) tudo indica que estamos falando do aumento da temperatura no ambiente (‘quentura’), algo que surge em razão das alterações do meio natural. O mesmo ocorre no enunciado “Tá esquentando”, em (b). Nesse caso, temos uma alteração nas coordenadas de conformação gramatical, com a realização de uma locução verbal.

Os enunciados seguintes apresentam bases nucleares externas ao predicado: ‘o tempo’, ‘a temperatura’ e ‘sua cidade’. Nesse caso, essas formações nominais constituem nucleação orgânica de base predicativa suplementar fora do predicado, incidindo sobre o verbo ‘esquentar’.

Quanto ao cenário de pertinência enunciativa, as duas predicções exploram as ocorrências percebidas socialmente nas variações de “quentura”. Observemos mais detalhadamente as ocorrências na rede: em (c) e (d), “o tempo está esquentando” e “a temperatura esquentar”, as formações nominais nucleadas como base de predição sobreposta são análogas na participação do cenário de pertinência enunciativa. Elas especificam a percepção do próprio ambiente (‘o tempo’) e a própria escala de variação da quentura (‘a temperatura’) como elementos pertinentes da ocorrência do ‘esquentar’. Já

⁴⁶ Disponível em: < <https://twitter.com/lyarecaldx/status/1512236059119300642> > acesso: 22/10/21.

⁴⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/euamopg/status/1512345414770507780> > acesso: 22/10/21.

⁴⁸ Disponível em: < https://twitter.com/Snuper6_BR/status/1105251784493289472 > acesso: 22/10/21.

⁴⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/Nizoca/status/1481082888674291712> > acesso: 22/10/21.

⁵⁰ Disponível em: < https://twitter.com/Duarte_Cau/status/1160328359072718854 > acesso: 22/10/21.

em 19 (e), “sua cidade esquentou”, a FN de base orgânica ‘sua cidade’, em sobreposição, traz o recorte histórico do lugar em que a quentura se faz pertinente.

No mesmo quadro desse referencial histórico, temos ‘trovejar’, ‘relampejar’, ‘nublar’, ‘esfriar’, ‘ensolarar’ e ‘estiar’.

Considerações finais

Desenvolvemos, conforme o modelo metodológico da Teoria Fundamentada, o nosso caminho na abordagem da “dinâmica do dizer”, que atravessa todo este estudo. Nessa dinâmica do dizer, as interrelações entre a dimensão do enunciável e a dimensão da organicidade são demonstradas pelas possibilidades que a língua portuguesa oferece de aceitar verbos com capacidade de receber formações nominais na sua unidade orgânica de ordem verbal.

A articulação predicativa foi abordada a partir da concepção de predicação autonômica, tendo como foco os referenciais de afluência e de ocorrência, conduzindo as formações nominais para o verbo, tornando as predicações capazes de se constituir sozinhas em uma unidade sentencial, do ponto de vista da dimensão orgânica. Por sua vez, a consideração da dimensão enunciativa nos mostra que a base de predicação está em convergência no verbo. Isso caracteriza a predicação autonômica.

Quanto à dinâmica do dizer, ela se mostra desenvolvida no conceito de domínios de mobilização, que esteve determinando a relação entre o referencial histórico e as pertinências enunciativas constituídas nos diversos cenários dos enunciados.

Pretendemos ter mostrado que os fundamentos teóricos fornecem as ferramentas necessárias para uma abordagem mais precisa das relações sintático-semânticas, principalmente no que se refere à delimitação da categoria ‘fenômenos da natureza’. Tendo em vista esses fundamentos, acreditamos ter podido realizar uma distribuição consistente desses verbos frente a duas perspectivas de concepção social do sensível: afluência e ocorrência.

Acreditamos que o conceito de predicação autonômica permite a resposta de boa parte das questões em aberto nos estudos sobre os verbos de “fenômeno da natureza”. Com esse conceito, podemos perceber o quanto as gramáticas do nosso cotidiano abordam o fenômeno da “impessoalização” desses verbos de maneira superficial e pouco sistemática. Com efeito, frente à concepção segundo a qual as formações nominais entram em convergência no verbo, não há que se postular “impessoalização” nas predicações com os verbos em foco.

Sendo assim, refutamos a concepção de que a participação desses verbos na predicação resulta em orações sem sujeito. Na nossa perspectiva, as bases de predicação

se fazem presentes em todas as ocorrências de predicação analisadas. Essas bases de predicação correspondem ao sujeito na sintaxe.

Com a concepção da formação nominal, pudemos mostrar como a dimensão orgânica se articula com a dimensão do enunciável. Nesse sentido, trata-se de um conceito que adquire maior efetividade do que o de “sintagma nominal”.

Nessa direção, o procedimento de análise “rede enunciativa” foi fundamental para que articulações constitutivas da predicação autonômica pudessem ser colocadas em foco no momento da análise.

As formas de predicar o sensível, do ponto de vista enunciativo, é parte do conhecimento da sociedade, de como se produz sentido na linguagem pelas dinâmicas do dizer.

An enunciative approach to predicative articulations in verbs of natural phenomena: autonomic predication

Abstract

This article addresses the syntactic-semantic complexity of verbs expressing natural phenomena, such as "rain" and "heat," focusing on the inconsistency in categorizing these verbs. The aim is to categorize these verbs from the perspective of Enunciative Semantics and to outline a consistent conception of the nominal predication base, grounded in the concept of nominal formation. Using enunciative networks and social media data, it concludes that these verbs exhibit "autonomic predication", integrating the nominal base into the verb. This highlights the inconsistency of the notion of impersonal sentences and proposes a more coherent model for the grammatical analysis of predications with verbs expressing natural phenomena.

Keywords: Enunciation. Autonomic predication. Verbs of natural phenomena

Referências

- BEAVERS, J., SELLS, P. Constructing and Supporting a Linguistic Analysis. In: PODESVA, R. J., SHARMA, D. (orgs.) **Research Methods in Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 403-427, 2013.
- DIAS, L. F. O fato linguístico e a constituição de um saber de entremeio. In: RÔSING, T. M. K.; BECKER, P. (orgs.). **Jornadas literárias de Passo Fundo: 20 anos de história - Ensaios**. Passo Fundo: UPF/Edelbra, p. 191-198, 2001.
- DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v.35, 2015, p. 99- 138.
- DIAS, L. F. Nomes de cidades de Mato Grosso: uma abordagem enunciativa, In: KARIM, T. M.; DI RENZO, A. M.; BRESSANIN, J. A.; KARIM, J. M. (orgs) **Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase I)**. Campinas: Pontes, 2016. p.33-50.
- DIAS, L. F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2018.

DIAS, L. F. Redes enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 26, n. 51, p. 155–172, 2023.

DIAS, L. F.; PEREIRA, B. K. Da concomitância à convergência sintática: bases para uma análise da relação entre semântica e sintaxe. **Caderno Seminal Digital**. v.7, p. 206-226, 2007.

FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

FRAGOSO, S., et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não concatenatividade e correspondência. **Veredas**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p. 149-167, jan./dez. 2003.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. Chicago, IL: Aldine Publishing Co, 1967.

GUIMARÃES, E. **Semântica; enunciação e sentido**. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Argument realization**. Cambridge: CUP, 2005.

NOGUEIRA DIAS, T. **Predicação autonômica: uma abordagem enunciativa**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

TRIBOUT, D. **Les conversions de nom à verbe et de verbe à nom en français**: Université Paris Diderot- Paris 7 dissertation, 2010.